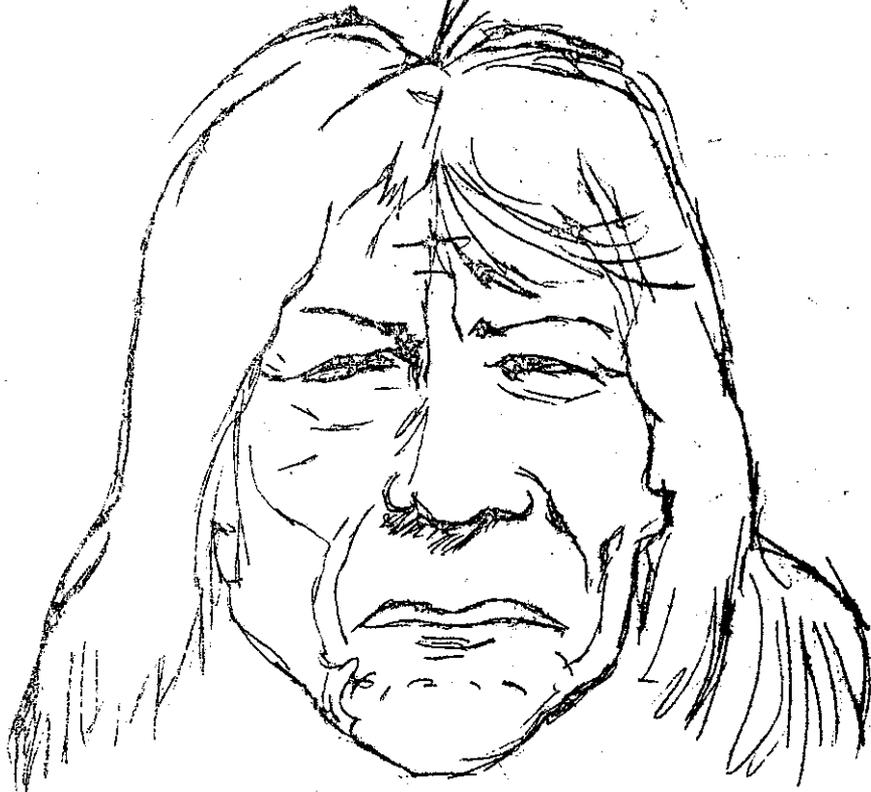


# CURSO DE INDIGENISMO

(ENCONTRO GUARANI)

CIMI - Conselho Indigenista Missionário

|               |
|---------------|
| CEDI - P.I.B. |
| DATA 31/12/86 |
| COD 61031     |



DOURADOS, MS  
24 A 31/JANEIRO/1979





OS  
GUARANI  
NO SUL  
E SUDESTE  
DO BRASIL

CURSO DE DOURADOS - CIMI - 1979

GRUPOS GUARANI NO SUL E SEDESTE DO BRASIL

| LOCALIZAÇÃO E DEMOGRAFIA   | CONSCIÊNCIA ÉTNICA   | T E R R A  | INSTITUIÇÕES E/OU OUTROS ORGANISMOS   |
|--|--|--|---|
| <p>Rio Grande do Sul</p> <p>1. TAPES - 50 Mbya</p> <p>2. OSÓRIO - 30 Mbya</p> <p>3. RIO GRANDE - 7 Mbya</p> <p>4. URUGUAIANA 10 Mbya</p> <p>5. SÃO MIGUEL 110 Mbya</p> <p>6. CRUZ ALTA 40 Mbya</p> | <p>Grupos recém che-<br/>gados da Argenti-<br/>na; alguns há pou-<br/>cos anos no Bra-<br/>sil. São os gru-<br/>pos de número 1 a<br/>6; mantem muito<br/>contato entre si.<br/>Conservam toda sua<br/>tradição e não a-<br/>ceitam morar em<br/>reservas onde es-<br/>teja a Funai. Con-<br/>tinuam em profun-<br/>da contato com os<br/>Mbya de Missiones,<br/>na Argentina. O gru-<br/>po que hoje está<br/>em Tapes chegou a<br/>Porto Alegre em<br/>1977.</p> | <p>1. 48 ha. cedidos por<br/>empréstimo por parti-<br/>culares, via Pref. Mu-<br/>nicipal de Tapes,<br/>2. 380 ha. cedidos<br/>por empréstimos pe-<br/>la Prefeitura de O-<br/>sório</p> | <p>Associação<br/>Nacional de<br/>Apoio ao<br/>Índios.</p> <p>Idem</p> <p>ANAI mantem<br/>algum conta-<br/>to com os<br/>grupos de<br/>números<br/>3 a 6.</p> |
| <p>7. P.I. GUARITA<br/>(Miraguaí)<br/>50 Mbya</p>  | <p>Em 1978 fizeram<br/>novamente sua Ca-<br/>sa da Reza ("no<br/>nosso sistema",<br/>seg, eles). Conser-<br/>vam estreito con-<br/>tato com seus pa-<br/>rentes na Argenti-<br/>na (Missiones).</p>  | <p>7. 23.183 hectares,<br/>Reserva dos Kain-<br/>gang (+ ou - umas<br/>1550 pessoas)</p>   | <p>FUNAI<br/>Missão da I<br/>greja Evang<br/>de Confissão<br/>Luterana no<br/>Br. (IECLB),<br/>embora esta<br/>não trabalhe<br/>direta/ com<br/>os Mbya.</p>  |
| <p>8. P.I. Nonoai<br/>(Planalto)<br/>60 Mbya</p>   | <p>Problema de gran-<br/>de mestiçagem e<br/>rompimento da con-<br/>servação e trans-<br/>missão cultural.</p>   | <p>8. 14.910 ha, Re-<br/>serva dos Kain-<br/>gang (1450 pessoas)</p>   | <p>FUNAI</p>  |
| <p>9. P.I. VOTOURO<br/>(São Valentin)<br/>15 Mbya (?)</p>  | <p>Problema de gran-<br/>de mestiçagem e<br/>rompimento da con-<br/>servação e trans-<br/>missão cultural.</p>   | <p>9. 700 hectares gri-<br/>lados (saqueados)<br/>do antigo Toldo Gua-<br/>rani. Restou uma pe-<br/>quena parte para os<br/>Guarani.</p>   | <p>FUNAI</p>  |
| <p>10. P.I. CACIQUE<br/>DOBLE (Cas.<br/>Doble) Mbya</p>  | <p>Problema de gran-<br/>de mestiçagem e<br/>rompimento da con-<br/>servação e trans-<br/>missão cultural.</p>   | <p>10. 4.508 hectares,<br/>Reserva Kaingang</p>  | <p>FUNAI</p>  |
| <p>11. Rio Peperi-<br/>Guaçu (Missio-<br/>nes, Arg. - fren-<br/>te ao Mun. Ita-<br/>piranga, BR)<br/>100 Mbya</p>  | <p>Trabalham para<br/>colonos no lado<br/>brasileiro, e<br/>moram na Argent.<br/>Estão ligados<br/>aos demais gru-<br/>pos Mbya da Arg,<br/>sobretudo o de<br/>El Soberbio. Man-</p>   | <p>11. Missiones, Argen-<br/>tina.</p>   | <p></p>   |

Handwritten notes and stamps at the bottom of the page, including "FUNAI" and other illegible markings.

|  |  |   |   |
|--|--|---|---|
| <p>12. P.I. XAPECO (Xaxim) = 240 Mbya</p>                          | <p>tem contato com os Mbya do Xapeto e com os de Tapes e Osório(RS)<br/>Aldeamento antigo Os Mbya deste Posto conservam sua tradição e tem sua Casa da Reza (feita de barro). Poucas mulheres falam(mal)portugues, e as crianças só o Guarani.</p> | <p>12. 15.053 hectares, Reserva dos Kaingang.</p>   | <p>FUNAI Cimi Sul mantém contato</p>  |
| <p>13. P.I. IBIRAMA (Ibirama) 150 Mbya</p>                         | <p>Ligação com os Mbya de Xapetó,(SC) Cacique Doble(RS) e Rio das Cobras (Paraná).</p>   | <p>13. 15.285 hectares, Reserva dos Xokleng</p>   | <p>FUNAI</p>  |
| <p>Paraná<br/>14. P.I. MANGUEIRINHHA (Mangueirinha) = 190 Mbya</p> | <p>Problema com alijerança: cacique instrumentalizado pela Funai, explora os demais. Dos poucos grupos Mbya da região que admite escola entre eles.</p>  | <p>14. 6 a 7 mil hectares. Uma parte da sua área está em litígio com a Firma Slaviera, pois foi grilada no Gov. Moisés Lupion (PR)</p>                            | <p>FUNAI</p>  |
| <p>15. P.I. Rio das Cobras (Laranjeiras do Sul) 300 Mbya</p>       | <p>Consciência étnica muito aguçada. Forte coesão grupal. Em janeiro de 78 tomaram a iniciativa de expulsar de suas terras os invasores, lançando mão das armas. Conseguiram que saíssem os 2.000 invasores.</p>                                   | <p>15. 16.800 hectares na Reserva dos Kaingang.</p>   | <p>FUNAI Missão do Cristianismo Decidido (embora não trabalhe diretamente com os Guarani)</p> |
| <p>16. P.I. LARANJINHHA (Sta Améllá) 86 Chiripá (Nandeva)</p>      | <p>origem parece ser o Sul de Mato Grosso. Tem ligação com os do Posto Araribá, SP, e ainda ligação ou origem no antigo(extinto) Aldeamento de Itaporanga, SP. Hoje são muito mestiçados, sobretudo com negros.</p>                                | <p>16. 170 hectares</p>   | <p>FUNAI</p>  |
| <p>17. P.I. PINHALZINHHO (Tomazina) 3 Chiripá</p>                  | <p>Idem P.I. Laranjinha. Há uma velha índia e sua filha que resistem às transferências impostas pela FUNAI p/outra área.</p>   | <p>17. 689 ha, havendo invasores nessas terras. A Funai tem transferido os Guarani daí para outras áreas nos últimos anos, c/ o intento de liberar as terras.</p> | <p>FUNAI (a presença do órgão se limita ao relataado no item terra)</p>                       |

|  |   |  |   |
|--|---|--|---|
| <p>São Paulo<br/>18. P.I. ARARIBA<br/>(Avaí)<br/>+ ou - 20 Chiripá</p> | <p>Sabe-se que a vinda de um grupo Terena para sua área levou muitos a ir para o Posto Laranjinha (PR). Tem, pois, profunda ligação com aquela área. São bóias frias. - - -</p>   | <p>18. 2.154 ha. O SPI transferiu para essa área um grupo de índios Terena, que hoje são a maioria naquela área.</p> | <p>FUNAI</p>  |
| <p>19. SERRA DOS ITATINS (Itariri)<br/>= 15 Chiripá</p>                | <p>Liderados pelo capitão Antonio Branco, filho do antigo capitão Joaquim Branco, que veio com o grupo do Mato Grosso do Sul. Alguns jovens trabalham em bananais. O capitão Branco parece ter influência em toda a região. - -</p> | <p>19. 902 hectares; antigo Posto Indígena Carvalho Pinto.</p>   | <p>O Cimi Sul passará a acompanhar este grupo a partir de 79.</p> |
| <p>20. P.I. PERUIBE (Peruibe)<br/>= 100 Chiripá (Nandeva)</p>          | <p>Tem problemas de mestiçagem e questões internas de liderança. Dificuldade para conservação da tradição. Das aldeias do litoral paulista parece ser a que está em piores condições</p>  | <p>20. 484 hectares, sendo 7,5 ha invadidas por um espanhol</p>  | <p>FUNAI</p>  |
| <p>21. RIO BRANCO (Itanháem) 20 Mbya</p>                               | <p>Parêcem manter toda a tradição. Tem muito contato com os Mbya de Parelheiros, SP.</p>  | <p>21. 875 ha, segundo os índios; terra essa que receberam em 1957.</p>  | <p>O Cimi Sul passará a acompanhar esse grupo em 79.</p>          |
| <p>22. RIO SILVEIRA (Bertioga)<br/>17 Mbya e Chiripá</p>               | <p>Grupo que esteve em Peruibe e na Serra dos Itatins, mas mudou por questões internas. Mantém ligação com os demais grupos do litoral.</p>   | <p>22. Terras de particular</p>  | <p>Idem</p>   |
| <p>23. RIO PROMIRIM (Ubatuba)<br/>33 Mbya</p>                          | <p>Nesse grupo há 2 homens que usam o tembetá. Tem alguns problemas com cacique imposto, por intromissão do dono das terras que habitam.</p>  | <p>23. Idem</p>  | <p>Idem</p>   |
| <p>24. PARELHEIROS (São Paulo)<br/>150 Mbya</p>                        | <p>Grupo vindo do P.I. Mangueirinha (PR), mantendo ainda contato com o Mbya de lá. Estão em processo de recuperação</p>   | <p>24. 7,5 hectares, propriedade de Yasuko Kugo</p>  | <p>25. Um grupo de antropólogos.</p>                              |

|   |   |  |                   |
|---|---|--|-------------------|
| <p><del>caixas</del></p> <p>25. MBOY MIRIM<br/>(São Paulo)<br/>10 ?</p> | <p>cultural, sobretudo de práticas <u>ri</u>tuais em desuso, como a <u>plantação</u> ritual, feita em 1978, depois de <u>muitos anos</u>.</p>   |  |                   |
| <p>Rio de Janeiro</p> <p>26. BRACUI (Angra dos Reis)<br/>? Mbya</p>     | <p>Tem contato ex patentesco com os de Rio Primi rim(Ubatuba).</p>  | <p>26. Tiveram que afastar-se um pouco do mar, devido à Usina Nuclear de Angra dos Reis. Sa-be-se, por enquanto, da existência desse grupo no Estado do Rio.</p> |                   |
| <p>Espírito Santo</p> <p>27. CAIEIRAS VELHAS (Aracruz)<br/>50 Mbya</p>  | <p>Grupo vindo da Argentina, via Sul do Brasil, como os demais do Litoral Paulista. Em 73 a Funai os transferiu (por vontade dela) o grupo para a Faz Guarani, em M. Gerais. Em 78 se <u>com</u>pleou a volta espontânea do grupo ao E. Santo. Tem contato com Ubatu ba e outros gru-pos de Mbya do Sul</p> | <p>27. Não tem terras moram em <u>sasas</u> alugadas.</p>  | <p>Cimi-Leste</p> |

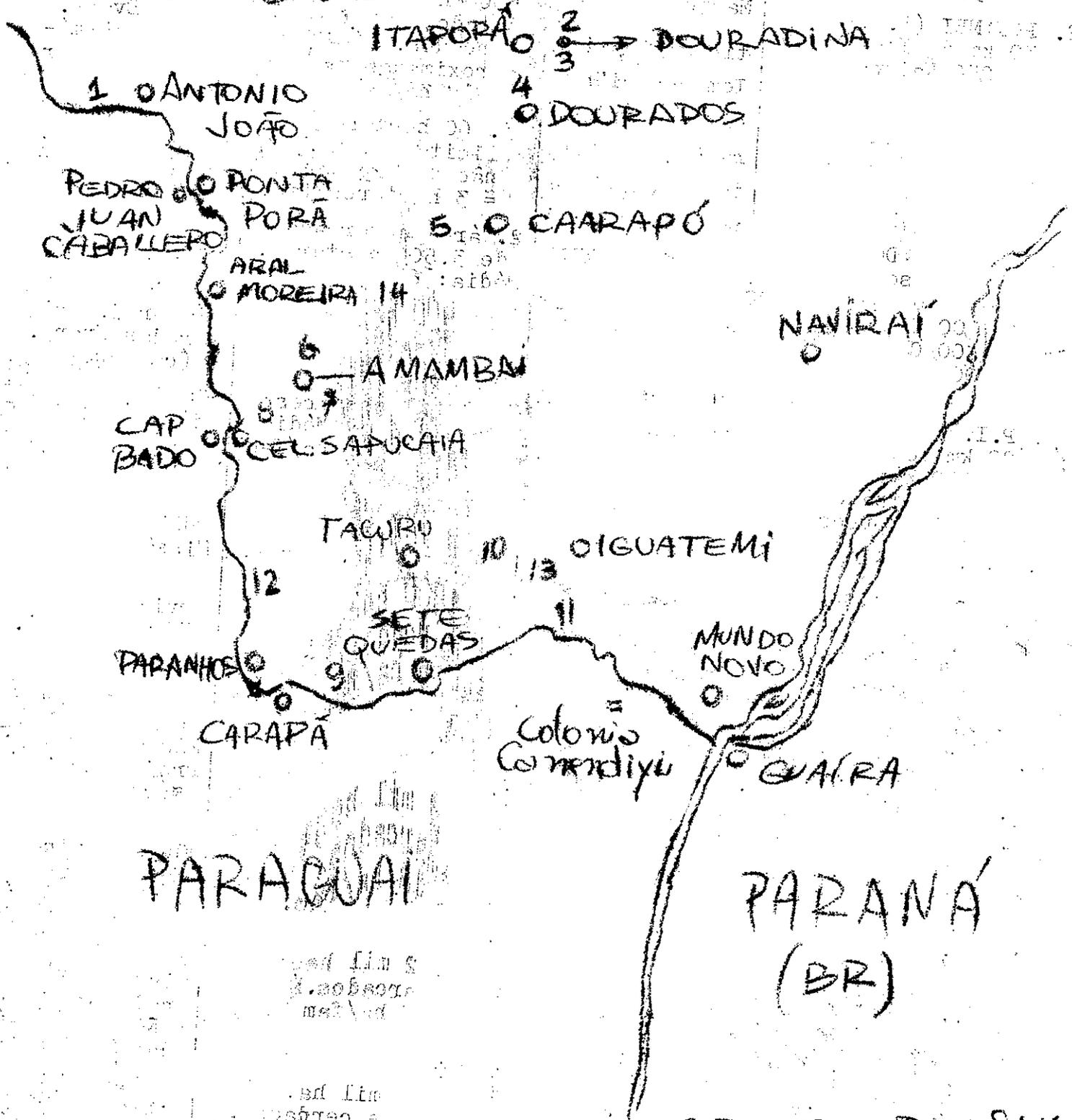
Este quadro foi elaborado no Curso de Indigenismo (Guarani) promovido pelo Conselho Indigenista Missionário - Cimi - em Dourados, no mês de Janeiro de 1979. Baseia-se em dados do Regional Sul do Cimi, do Regional Leste do Cimi e da Associação Nacional de Apoio ao Índio, ANAI.



# MATO GROSSO DO SUL

CAMPO GRANDE

ORIO BRILHANTE



PARAGUAI

PARANÁ (BR)

## OS GUARANI NO MATO GROSSO DO SUL

2M

GRUPOS GUARANI NO MATO GROSSO DO SUL

| LOCALIZAÇÃO E DEMOGRAFIA  | CONSCIENCIA ÉTNICA  | TERRA  | INSTITUIÇÕES E/OU OUTROS ORGANISMOS (agentes externos)   |
|---|---|--|--|
| 1. CAMPESTRE (na vila de Campestre, Mun. de Antonio João)<br>30 Kaiowa                                | (constatação válida para todos os grupos)   | 1. 7 hectares - doação da área pela Prefeitura local.                              | FUNAI  |
| 2. PANAMBI (P.I.)<br>30 km de Itaporã<br>250 Kaiowa   | Mantem as práticas rituais. Tem consciência da exploração a que estão submetidos na relação com os fazendeiros  | 600 hectares delimitados, e não demarcados. Média de aproximadamente 12 ha/família | FUNAI<br>Missão Evang. Alemã (médica-escolar)  |
| 3. PANAMBIZINHO próximo à aldeia Panambi<br>100 Kaiowa  | estão submetidos na relação com os fazendeiros  | 3. 60 hectares delimitados, mas não demarcadas. ≈ 3 hectares/fam.                  | Extensão dos serviços do P. I. Panambi - FUNAI   |
| 4. P.I. DOURADOS (4 Km da sede do Município de Dourados)<br>200 Terena<br>600 Chiripá<br>2.000 Kaiowa | na changa. Junto às roças comunitárias criou-se um espaço de discussão dos mais diversos problemas que os atingem com a sistematização das reuniões de chefes dos grupos de roça. | 4. Área demarcada de 3.500 hectares. Média: 6,5 ha/fam.                            | FUNAI<br>Missão Caiua (médica-escol) Igreja Metodista (proj. agric) Igrejas Evang. (catequese) |
| 5. P.I. CAARAPÓ (20 km de Caarapó)<br>1.500 Kaiowá e Chiripá (estes são poucos)                       |   | 5. 3 mil hectares demarcados. Média de aprox. 10 ha/fam                            | FUNAI<br>Missão Caiuá  |
| 6. P.I. AMAMBAI (6 km de Amambai)<br>1.700 Kaiowá   |   | 6. 2.400 hectares demarcados. Aprox. 8 ha/fam.                                     | FUNAI<br>Missão Caiuá  |
| 7. LIMÃO VERDE (17 km de Amambai)<br>150 Kaiowa   |   | 7. 900 hectares, sendo 300 invadidos. Média de 30 hectares por fam.                | Serviço extensão do Amambai.   |
| 8. P.I. TAKUAPIRI (37 km de Amambai)<br>600 Kaiowa  |   | 8. 1800 hectares, demarcados. Média de 15 ha/fam                                   | FUNAI<br>Missão Caiua Projeto Kaiowá/N (roças comunitárias)                                    |
| 9. P.I. PIRAJU'Y (25 km de Paranhos)<br>550 Chiripá (maioria) e Kaiowa                                |   | 9. 2 mil hectares demarcados. Média de 18 ha/fam.                                  | FUNAI<br>Missão Alemã Projeto Kaiowá/Nandeva   |
| 10. P.I. RAMADA (37 km de Iguatemi)<br>600 Kaiowá (maioria) e Chiripá                                 |   | 10. 2 mil hectares demarcados. Média de 17 ha/fam                                  | FUNAI<br>Missão Caiua Projeto Kaiowá/Nandeva (roças comunitárias)                              |
| 11. P.I. JACARE'Y (18 km de Iguatemi)<br>600 Chiripá (maioria) e Kaiowá                               |   | 11. 2 mil ha, demarcados e cercados. Média: 17 ha/fam                              | FUNAI<br>Missão Caiua Projeto Kaiowa/Nandeva<br>CIMI MS  |

(a relação das aldeias no interior de Fazendas do MS está na pg seguinte

GRUPOS GUARANI NO MATO GROSSO DO SUL,  
MORANDO EM FAZENDAS.

|  |   |  |                                     |
|--|---|--|-------------------------------------|
| <p>12. ALDEIA BOCAJÁ (60 km ao sul de Cel Sapucaia)<br/>60 Kaiowá</p>                          | <p>Estes grupos também conservam a tradição.</p>            | <p>12. 200 hectares, propriedade privada (Fazenda). Média de 16,7 ha/fam</p>                       | <p>-----</p>                        |
| <p>13. FAZENDA PARAGUAÇU (50 km da aldeia Piraju'y, margem do rio Iguatemi)<br/>90 Kaiowá</p>  | <p>Procuram preservar o mato. Consciência étnica forte,</p> | <p>13. -----</p>   | <p>FUNAI (atendente enfermagem)</p> |
| <p>14. MATE LARANJEIRA (Faz Maciel Cue, mun. de Caarapó)<br/>58 Kaiowá<br/><br/>(ver mapa)</p> | <p>típica do Guarani.</p>                                   | <p>14. No momento o grupo está em Bo doquena, para onde foram levados pela Funai (em Setembro)</p> |                                     |

GRUPOS GUARANI NO PARAGUAI

| Grupo e Pop.                                | Localização  | Terra  | Agentes Externos  |
|---|--|--|---|
| <p>PAI TAVYTERÁ<br/>8.500 pessoas.</p>      | <p>Noroeste do Paraguai, no limite com Mato Grosso do Sul (Ponta Porã, E. Vista) entre Rio Apa, a cordilheira de Amambai e a região do Rio Iguatemi, a Oeste a 100 km da fronteira brasileira, ao Sul até a altura da cidade de Paranhos, BR.<br/>(ver mapa)</p> | <p>- Demarcadas, possível defender juridicamente como próprias.<br/>- Tituladas em nome da AIP, transferível somente à comunidade.<br/>- Em grandes propriedades privadas, todas em fase de conversação.<br/>(esses os três tipos de situação de terras desse grupo)<br/>Área de 40.000 km<sup>2</sup> é a sua área.</p> | <p>Missões Protestantes.<br/>Missão Normandesa Norueguesa<br/>Missão Prot. Alemã<br/>Projeto Pai Tavyterá (AIP)<br/>Associação de Parcialidades Indígenas (API)</p> |
| <p>CHIRIPÁ (NANDEVA)<br/>5.500 pessoas.</p> | <p>Rio Jejui (Paranhos), ao Sul até o Rio Akaray (cai no Paraná a 10 km de Foz do Iguaçu); a Leste do Paraná e a Oeste o Rio Corriente, que está a 170 km de Guaira.<br/>(ver mapa)</p>  | <p>Sua área chega a uns 35 mil km<sup>2</sup>. Suas terras estão em uma das três situações abaixo:<br/>- Demarcadas, defensáveis como suas.<br/>- Em grandes e médias propriedades, em fase de litígio jurídico.<br/>- Títulos em nome das Missões.</p>  | <p>Projeto Guarani (AIP)<br/>Missões Católicas-SVD<br/>Missão protestante Normandesa Alemã API<br/>Voluntários do Corpo de Paz (USA)</p>                            |
| <p>MBYA<br/>7.000 pessoas</p>               | <p>ao Norte do Rio Jejui ao Sul Rio Paraná até as proximidades da cidade de Encarnación, a leste até o rio Pa-</p>   | <p>Deslocamento das populações num raio de 50 mil km<sup>2</sup><br/>Somente duas comunidades com título em</p>  | <p>Projeto Guarani (AIP)<br/>API</p>  |

CONT.



|  |  |   |  |
|--|--|---|--|
|  | <p>raná fronteira com a Argentina; a Oeste a uns 170 km do rio Paraná. Há grupos dispersos ao norte do Rio Jejuí até o Rio Apa, fronteira com o Brasil.<br/>(ver mapa)</p> | <p>nome da AIP, transferíveis somente aos Mbya, o resto da população Mbya vive em suas áreas de propriedade privada altamente explorada. Por características culturais os assentamentos não são muito estáveis, ainda que permaneçam na sua área.</p> |  |
|--|--|---|--|

**CONSCIENCIA ÉTNICA:** Cada Grupo Paí, Chiripá e Mbya tem clara consciência de sua identidade como povo e nação, ainda que vivam em território descontinuo.  
Cada comunidade tem sua liderança política e religiosa própria, contando também com 4 ou 5 grandes líderes regionais com autoridade moral.

GRUPOS GUARANI NA BOLÍVIA

| Grupo e Popul.                             | Localização  | Terra   | Agentes Externos          |
|--|--|---|---------------------------|
| <p>CHIRIGUANOS<br/>30 a 40 mil pessoas</p> | <p>TA PUI →<br/>Próximos da fronteira do Paraguai e Argentina, região circundante ao Rio Pilcomayo<br/>-----<br/>A VÁ →<br/>Na região de fronteira com a Argentina e próximos ao Rio Grande.</p> | <p>Os Tapui estão em 13 comunidades. Alguns grupos vivem em terras de criadores de gado.<br/>-----<br/>Os Avá são divididos em 400 comunidades com títulos de prop. comunal, sendo de 600 a 2.000 ha por comunidades. Área total das comunidades (zona em que se espalham os dois grupos): 111 mil km<sup>2</sup></p> | <p>Jesuitas (c/CIPCA)</p> |
| <p>GUARAYOS</p>                            | <p>Ao Norte de Santa Cruz de la Sierra (ver mapa)</p>  | <p>-----</p>  | <p>-----</p>              |

**CONSCIENCIA ÉTNICA:** sua consciência é de povo derrotado. Não se sentem integrados à nação boliviana. Tem gde coesão interna e forte sentido comunitário; são profundamente religiosos, sem ritos e dicotomias entre o sagrado e o profano, caracterizando-se como um ato contínuo dentro das relações sociais e sentimento religioso.

Para entender melhor o quadro referente ao Paraguai:

AIP: Asociación Indigenista Paraguaya. Fundada na déc. de 40, particular  
API: Asociación de Parcialidades Indígenas- organismo indigena surgido com o Projeto Marandu, muito dúbio. Financia-o Interamerican Foundation

28/1 INFORME SOBRE EXPERIENCIA NA AREA DE SAUDE  
ENTRE OS MBYA-GUARANI NO PARAGUAI. NICOLAS

- Poucas experiencias que se obtiveram nesses sete meses de trabalho.
- Primeira preocupação foi a de aprender a lingua, pois os Mbya não falam castelhano. Essa preparação foi feita em Assunção com um curso de Guarani que durou quatro meses.
- O primeiro contato durou doze dias em uma pequena comunidade, que ja tinha certo contato com o projeto guarani, mas logo foi interrompido pela sua expulsão do atual Tekoha pois estavam em terras que era cobrada por fazendeiros. O projeto entrou em negociações e conseguiu assegurar uma area de 270 hc para a fixação da comunidade.
- A segunda possibilidade de contato só apareceu em maio, através de um contato com um cacique Mbya que tinha vindo a Assunção. A partir da "porta" que se abriu de visita ao seu Tekoha, pudemos conhecer gente de outro Tekohas da mesma area. Até agora visitaram sete tekohas.
- Problemas:
  - a)- problemas de conversação, evitar perguntas diretas.
  - b)- necessidade de convivencia e participação em quase todas os trabalhos.
  - c)- falar sobre problemas de Saude. Só em ocasiões de casos concretos.
  - d)- refletir sobre as diferenças entre a medicina tradicional e a medicina ocidental em varios níveis: terapia, diagnose aspectos sociais e economicos, etc.
  - e)- Estudo das enfermidades encontradas como problemas da sociedade. Deste ponto de vista existem tres tipos de enfermidades:
    - 1- Enfermidades que os indios tem meios eficientes de combate, onde uma interferencia do projeto poderia trazer mais uma dependencia,
    - 2- Enfermidades que um projeto de promoção economica, poderia ajustar aos meios tra



Projeto Econômico com os Chiriguanos

Luiz Farré - Bolívia

Camenzú - 1975

Problema: Os índios vão trabalhar na safra de cana de açúcar desde abril - maio até outubro - novembro. Abandonam sua família, sua casa, suas chácaras, seus animais. São explorados e muitos perdem a saúde; não podendo desenvolver sua educação, perdem sua forma de ser.

Se pensou em um projeto econômico para evitar a saída dos índios de sua terra. Foi elaborado o projeto "Comunidad de Trabajo".

Sistema: O CIPCA oferece um crédito para trabalhar até a colheita. Com o crédito se paga: - o trabalho pessoal no reêdo da cooperativa com o valor estipulado pelos índios. - as sementes, venenos, trator, etc.,.

Na colheita devolvem o crédito ao CIPCA e o lucro é repartido. Os meios de produção são comunitários, assim como o produto da colheita. Na jornada o trabalho é pago individualmente. Ademais, cada sócio cultiva sua chácara individual e pode cuidar de seus animais (galinhas, vacas, cabras, etc.). Atualmente há nove comunidades de trabalho, com 115 sócios e cultivam uma área de 140 ha. Plantam raízes, soja, arroz, pasto. Está havendo experiências com menor cultivo e árvores frutíferas em uma chácara experimental. As nove comunidades de trabalho estão organizadas em uma "Central de Comunidade de Trabalho Bonifácio Barrientos". A Central é que possui os tratores e várias máquinas para a colheita. As comunidades de trabalho usam as máquinas e tratores pagando um tanto por quintal (área) e por hora de trabalho (trator). A Central se reúne em assembléia cada tres meses, e sua mesa diretora (um sócio de cada comunidade de trabalho) uma vez por mes. Em tres comunidades menores já não existe este sistema de crédito. Há apenas uma ajuda no início (ferramentas, sementes, ajuda na comida: raízes), que também deverão devolver na colheita.

Resultados: Há uma grave dependência econômica e técnica do CIPCA, que se planeja extinguir em grande parte em 1981. O trabalho sendo comunitário, uma forma tradicional de organização, possibilita um grau médio de educação própria. Havendo também um grau de relacionamento entre índios de distintas aldeias e regiões, com maior consciência de povo.

Todavia, uma parte dos índios recusou este projeto com medo de que fossem dominados pelos padres ( grupos evangelistas). Há uma ação contra o projeto por parte dos contratistas ( indígenas que contratam seus patrícios para a sagra com um patrão ganhando uma porcentagem do trabalho de seus contratados sem trabalhar).

Pensamos que há uma alternativa que pode ajudar os chiriguanos a se organizarem como povo, sempre que haja uma ação na educação muito forte.

### SAÚDE

Projeto da Cruz Vermelha da Suíça Em Isoso.

pessoal: Ha dois doutores sendo um deles diretor do Hospital. Conta também com dois sanitaristas.

O projeto esta no inicio mas ja atende muita gente em termos de assistencia medica.

O funcionamento se da com o trabalho em conjunto com o Pajé, onde o doutor só aceita enfermos encaminhados por ele(Pajé).

Quando se trata de problemas psicologicos o doutor manda o enfermo ao Pajé para que ele o liberte das defesas psicologicas, para dai, o enfermo retornar ao tratamento com o "doutor".

Os sanitaristas para participarem do trabalho são preparados em varios cursos.

Instituiu-se também ,um seguro com a colaboração de todos os habitantes de uma comunidade, que encaminham o dinheiro para os capitães ,que "paga" o tratamento de qualquer doente da comunidade.

Chiripa  
OMBYA

Caracteriza-se por ser uma economia de subsistência agrícola. É um sistema econômico onde os bens produzidos são distribuídos e redistribuídos com base na reciprocidade das relações de parentesco, e onde as relações de parentesco e onde as relações sociais por sua vez se confundem com a economia de maneira marcante.

É observável uma conotação predominantemente comunitária na produção dos bens. Antes do contato esta característica tinha maior realce uma vez que a unidade de produção era família extensa, produzindo roças grandes - Koyngusu.

Com a nova situação criada pelo contato esta unidade de produção passa a ser família nuclear. Isto, no entanto, não descaracteriza o caráter coletivo do sistema econômico. As unidades de produção são idênticas e parcialmente coletivizadas através de uma cooperação de grupos na sua elaboração. Assim, o sistema econômico procura o bem comunal e é conduzido no sentido da satisfação dos seus membros.

A economia Guarani se distingue da economia da sociedade envolvente pela apropriação coletiva da terra e dos instrumentos de trabalho, isto é, dos meios de produção. A par disto, não há expectativas de criação de excedentes - que é gasto em festas e cerimônias religiosas, o que implica num desinteresse pela acumulação sendo que a produção individual não constitui uma fonte de prestígio dentro da comunidade.

A terra é o meio de produção principal e é, para o Guarani, o que na sociedade nacional representa a água, isto é, não deve ser vendida, trocada, nem negociada, mas é usufruto dado por Deus para todos os homens.

Os instrumentos de trabalho utilizados atualmente são compatíveis com esta economia de subsistência. Utilizam o machete, o machado, a foice, a enxada e, mais recentemente a máquina plantadeira manual. Inovações tecnológicas como a trilhadeira, o trator a plantadeira etc, Desde que apropriadas pela comunidade e servindo de usufruto coletivo não descaracterizaria a sociedade Guarani enquanto sociedade pré classista. A utilização dessas máquinas no entanto assumindo o caráter de propriedades privadas dentro do grupo tende a ser um fator de peso considerável na desorganização social das comunidades Guarani.

O puxirão (Mba'e Pepy) é uma forma importante de cooperação interna e sendo uma característica dentro da economia comunitária Guarani. É uma atividade onde o dono da roça que será trabalhada convida seus vizinhos e parentes para trabalhar seu roçado, ou para a construção de uma casa, limpeza de caminho e outras atividades que beneficiam a comunidade. Têm como pagamento "a Chicha". Tais trabalhos são frequentes e possuem caráter festivo.

Quanto à pesca, apesar de apreciarem assim como a caça, as condições dos lugares onde habitam já não permitem que realizem esta atividade. Em apenas uma aldeia do Sul do Mato Grosso praticam a pesca. Para a caça usam espingarda e muitos fazem o "Monde" (armadilha) para pegar algum bicho de pequeno porte.

A prática da caça tem sido substituída por alguns animais de criação, principalmente o porco, a galinha, patos etc. Usam ainda para o transporte de

A prática da caça tem sido substituída por alguns animais de criação, principalmente o porco e a galinha, patos etc. Usam ainda para o transporte e montaria cavalos e burros, entre os Kaiowá.

O artesanato enquanto fonte de renda para os Guarani no Mato Grosso do Sul é de pequeno porte, em decorrência do pequeno mercado comprador. Fator de desintegração social dos Guarani é o trabalho fora da aldeia, conhecido como "Changa", que é trabalho temporário nas fazendas em: derrubada, plantio, colheita etc. A maioria das fazendas da região foram formadas as rotas do trabalho GUARANI. Até a uns vinte anos atrás o trabalho nas fazendas consistia na colheita da arve mate, e agora posteriormente passaram a trabalhar em roças. Estas épocas de maior demanda de mão de obra indígena incidem com o momento de trabalho nas fazendas, a necessidade de sobrevivência leva-os a ir trabalhar fora da aldeia, isto prejudica suas próprias roças e desorganiza o grupo. Para completar o orçamento familiar vendem algumas mercadorias. Os produtos destinados a venda tem um dono particular; quando o produto é conseguido através de um trabalho comunitário para a venda externa há sempre um líder que se responsabiliza e que distribui a renda equitativamente entre os componentes do grupo.

RIO GRANDE DO SUL  
 TRABALHO DE ACOMPANHAMENTO DOS GRUPOS INDÍGENAS MBYA  
 QUE SE ENCONTRAM FORA DE RESERVAS INDÍGENAS - Mauro

1. "Ideologia da pobreza material": não existe preocupação em haver excedente de produção e acumulação. Produzir o necessário para sobreviver, não vender alimentos.
2. Solicitam:  
 "Terra de Guazani", terra para passar a tradição. Querem tornar-se auto-suficientes. Em contato com organismos públicos, poucos são os que realmente compreendem e querem entender a palavra do índio.
3. Econômico:  
 - Cultura em torno do capim, que se não realiza os interesses da comunidade é afastado.  
 - Sistema ecológico em função da terra (tamanho, condições, etc)  
 TAPES: 48 hectares. Casas pequenas, baixas, roças de uma quarta (1/4 de um alqueire).  
 OSÓRIO: 380 hectares. Casas grandes, altas, roças de 2 ou 3 quartas de terra.  
 - Possuem sementes próprias, foi aplicada outra semente no 1º ano, para poderem produzir a tradicional.  
 - Em Tapes seguem sozinhos; a terra, no entanto, é pouca, não há como expandir as roças. Osório "não é terra típica de Guarani".
4. Saúde:  
 1º passo: tentativa de dependência; 2º passo: Valorização de seu sistema medicinal; 3º passo: apenas casos que não podem resolver levam ao Posto de Saúde ou comunicam.
5. Educação:  
 Existe a transmissão oral, alguns sabem ler e escrever; todos em sua maioria conhecem cifras. Preocupam-se com a educação global das crianças. (continua duas páginas a seguir: pg 19).

Dia 26/1- Trabalho em Grupo

Questões: 1- Alterações no campo econômico, introdução de novas técnicas, que consequências provoca nos demais aspectos do grupo (social, político, religioso) ?

2- Alternativas viáveis diferentes das oficiais (FUNAI) e semelhantes (missões tradicionais).

PLENÁRIO:

- Problema das inovações tecnológicas que alteram o modo de produção tradicionais, especialmente no que diz respeito ao modo como se feita a apropriação (distribuição e uso pela comunidade) do resultado da produção destas novas técnicas.

- Há muita diferença entre a situação dos Guarani do Brasil e do PARAGUAI. No Paraguai a situação de conservação da tradição sócio-política por parte dos grupos indígenas e a situação da terra, permitem um desenvolvimento de alternativas que não representem violência à cultura e a tradição deste povo.

- Há o perigo de, com a introdução de certas técnicas em projetos econômicos, provocar um envolvimento e dependência muito grande do grupo indígena com relação à sociedade dominante.

- As alterações econômicas e tecnológicas trazem consequências para a visão religiosa do mundo, dos indígenas. Assim a utilização de inseticidas e pesticidas tiram uma função do Pai, que teria uma reza para defender a planta das pestes, etc... O trabalho na changa (como paças) dessacraliza o ato de plantar, que é sagrado para os Guarani. Também a introdução do milho híbrido pode-se plantado próximo - castigar o milho branco, a planta sagrada dos Guarani.

- A quebra do modo tradicional de produção, pela devastação e invasão das terras, obriga a novas condições de trabalho que provoca uma situação de miséria nos grupos indígenas, com mortes por subnutrição e outros fatores.

- Nem sempre o fato de trabalhar fora representa uma desculturação do indivíduo e uma perda da consciência étnica, embora muitas vezes também o possa gerar.

- Quando se coloca a questão das alternativas é preciso levar em conta a necessidade de educação política.

- As alternativas devem ser descobertas com os próprios índios, isto é, devem ser apresentadas por eles, e nós (agentes externos: antropólogos, missionários, etc..) temos um papel de assisti-los neste processo.

- É importante que as alternativas surjam das necessidades do grupo indígena e partem do saber do índio.



27.01.1979

Pg. 20

Meliá: INFORMAÇÃO HISTORICA DOS GUARANI (em seus diferentes grupos)

" Os Guarani são um grupo que começou a ser "descoberto" no início do século XVI que até hoje não se sabe exatamente o que são. Vem-se fazendo e desfazendo de nós, sendo uma identidade difícil de captar."

Pela ordem da "descoberta" a partir de Asunción(1537):

1. CARIOS

Na região de Assunção até o rio Manduvirá. Seu centro era L'Ambaré (Ambaré no original Guarani). Encontrados desde a chegada por Assunção(fundada em 1537).

Conquistadores percebem lingua semelhante aos Tupi da Costa Atlantica

2. TOBATI

Do rio Manduvirá ao Jejui

3. MBARAKAJU

Mais ao norte, nas duas margens do rio Jejui, perto de Serra. Mbaracàju é provavelmente nome de pessoa e não de região.

"Estou pensando que os Xiripá de hoje descendem desses Mbarakaju que tiveram contato com os espanhóis desde fins do século XVI."

4. GUARAMBARE

nas margens do Ypane. Todos esses já contatados pelos espanhóis antes de 1600.

5. ITATÍ

Rio Aquidaban(Paraquai) até o atual Rio Miranda(que chamavam Mbotetey) no Brasil

"Penso que serem os Itatí os Kayova de agora."

6. CHIRIGUANO

Talvez Itatíns que entraram para a Bolívia até cercanias dos Andes. Hoje são culturalmente diferenciados dos Itatí.

7. GUAYRA

parece ser nome próprio de um cacique. Região entre o rio Paraná panema e Iguazu(atual Estado do Paraná, PR). Tinham uma sub-região muito conhecida pelo nome de um seu cacique, Tajaobá. Atingidos pela fundação de vilas de colonos(Vila Rica) e pelas Reduções Jesuíticas a partir de 1610.

8. TAPES

Entre o rio Uruguai e a Costa Atlântica(atual Rio Grande do Sul) Reduções Jesuíticas a partir do segundo quarto do sec. XVII

9. PARANÁ

Nas duas margens do Paraná(Misiones de Paraquai e Argentina) Bastante guerreiros e canoeiros.

10. (mais impreciso) ACARAY, MONDAY

- 21 -

Atuais rios Acaray e Monday, e no salto de Iguazu. Grupos distintos com os quais também se fizeram missões.

11. GUARANI

(Guarani das Ilhas) Próximo a Buenos Aires. Grupo chamado propriamente Guarani e devido aos quais se deu a denominação Guarani a todos os demais que iam sendo encontrados ao norte desde que falassem a mesma língua daqueles. Desapareceram logo depois da conquista.

Por muito tempo também se chamou aos Guarani todos, genericamente, de Cariós, como também do mesmo modo se usou a denominação Tapes, mas predominou o termo Guarani.

Tupi-Guarani é já uma denominação de criação puramente acadêmica, para denominar genericamente os grupos de denominação Tupi (Tupinambá, Tupiniquin, etc..) e os de denominação ou língua Guarani.

#### Evolução desses grupos Guarani:

Os Guarani da região de Assunção, que à época da chegada dos espanhóis eram cerca de 200 mil homens (sem contar mulheres e crianças) num em cerca de 20 a 30 anos foram reduzidos para cerca de 20 mil, num descenso demográfico incrível, verdadeiro genocídio.

No princípio os Guarani viram nos espanhóis uma possibilidade de uma grande ajuda para lutar contra os índios do Chaco. É a decantada "aliança Hispano - Guarani" que durou muito pouco tempo; um ano depois de fundada Assunção os Guarani já tencionavam matar todos os espanhóis de Assunção. Em todo caso, a data de 1556 é importante por ser o início das "encomendas" após o que é impossível qualquer sentimento de simpatia dos Guarani pelos invasores.

Entre 1538 e aprox. 1600 os Guarani se revoltaram 21 vezes. Em fins do séc. XVI apareceram os Pes Franciscanos. Houve a criação de Povos (Reduções) Franciscanos.

Os Itatí eram realmente muito numerosos. Foram amigáveis com os espanhóis. Como estavam mais longe não se conseguiu trazê-los para os "encomiendas" para Assunção. Ficaram então relativamente tranquilos até o final do séc. XVI. A partir daí a situação no Paraguai era bastante grave, pois os colonos não tinham mais "braços", isto é, trabalhadores indígenas para si.

Então Hernandárias (governador) teve a idéia de que a "assimilação" de novas tribos seria possível somente com os padres. Incentivou então o trabalho dos Franciscanos (incentivando também a criação de novos povos) e também a vinda dos Jesuítas que logo começariam a fundar Reduções. A época um dos grandes problemas eram os índios Paraná no Sul do Paraguai, que eram considerados muito belicosos. Também era considerado um problema a entrada na região de Guayra,

O século XVII vai ser o século da "conquista espiritual". Começaram, então, as missões no Paraná, no Guairá, depois nos Tapes e ainda nos Itatí. Todas dos jesuítas, que tinham grande interesse que os espanhóis não entrassem nas mesmas, para não estragá-las fazendo comércio com os índios. Muitas missões tiveram descenso demográfico notável devido às doenças. A gente do Paranapanema teve que descer para Missiones, na Argentina, devido às entradas dos bandeirantes. Assim, por exemplo, Santo Inácio Mini, no Paranapanema, é o mesmo Santo Inácio em Missiones, na Argentina.

Ao final das Reduções q isto é, na decadência das reduções na segunda metade do século XVIII, o que se tem é uma população missioneira, onde se tem um Guarani genérico, o Guarani das Reduções, ainda que algumas pequenas diferenças subsistam entre os Povos, devido à sua origem (Itatí, Tapes, Guairá, Paraná).

Os 30 Povos (reduções) chegaram a atingir cerca de 150 mil pessoas. Uma parte dos Itatí foi "reduzida", vindo depois para o Sul devido aos bandeirantes. Mas uma parte muito importante não gostou das Reduções nem dos paulistas, e se refugiaram na Serra do Amambai (Paraguai e Mato Grosso do Sul), onde ficou 'isolada' no mato até o século XIX. Esses Itatí são os KAIOWÁ de hoje (os Paí), portanto, os que não foram nem reduzidos, nem escravizados (ver o livro: Los Paí-Tavyterã). Os MBARAKAJU sofreram o mesmo processo, isto é, parte esteve nas reduções e parte refugiou-se no mato. São hoje os CHIRIPÁ (Ñandeva).

E os Mbyá ?

Os Mbyá são um pequeno mistério. No século XVIII todas aqueles grupos Guarani que não estavam em contato direto com as colônias (perto de Asunción), aqueles que não estavam nas Reduções (jesuíticas ou franciscanas), se dizia que eram os monteses (dos montes) ou os "CAINGUA" =<sup>a</sup> gente do mato. É, então, difícil de dizer de quais se fala, às vezes se fala dos CAINGUÁ da região de Amambai, ou de San Estanislau, ou de Jejui, do Tarumã, etc. Assim, às vezes não se sabe se está se referindo aos Mbyá, aos Kaiowá ou Chiripá de hoje.

"Os Caingua, a 'gente do mato', eram os que hoje conhecemos por Paí ou Kaiowá; Chiripá ou Ñandeva e Mbyá (ver tabela na última página)

Se fala desses Guarani em forma pejorativa: Avá. Assim, se fala às vezes dos Avá de Yvypyté, isto é, dos Paí. Às vezes dos Avá de Hernandarias, isto é, os Chiripá.

(segue )

Parece que os Mbya foram contatados nos tempos das missões. Parece ser característica antiga dos Mbya, de todo modo, não viver em grandes agrupamentos, fazer grandes concentrações. As primeiras notícias bibliográficas dos Mbya datam da década de 1750, de uma expedição que encontrou um grupo deles próximo a onde hoje está Foz de Iguazu e onde passa a estrada de Foz de Iguazu a Asunción.

"Tenho a impressão que os Mbya são índios de uma cultura mais 'arcaica' que os Guarani propriamente, e que talvez foram 'guaranizados', Por isso são um grupo muito especial.

Entre os Mbya, Chiripá e Paí, as diferenças culturais e linguísticas são muito maiores que entre franceses e espanhóis. Por isso, falar dos Guarani genericamente é muito perigoso.

Entre os Guarani, muitas vezes elementos da sociedade dominantes tem explorado e se aproveitado da tensão real existente entre o chefe político e o chefe religioso. Por exemplo, Roque Gonzales entrou a fazer as Reduções do Tapes, com a permissão dos caciques políticos; e acabou morto pelos chefes religiosos.

ooooo O ooooo

obs: o presente resumo, como os demais do presente trabalho não pretende ser mais que uma 'pincelada' no que foram as conferências do encontro.

-----

### AVALIAÇÃO

A última tarde do curso foi destinada a uma Avaliação do mesmo, tendo ficado um consenso de que o mesmo foi muito importante e que seu melhor aspecto foi o de encontro, e não tanto o de curso propriamente. Ficou acertado que se realizarem outros encontros deste tipo, futuramente, considerando-se que são de muito proveito para os missionários e demais agentes que atuam junto aos Guarani, e principalmente por se considerar que trarão reais benefícios ao Povo Guarani.

Levantaram-se também propostas no sentido de realizar encontros desse, porém com temas específicos, como educação, saúde, língua, etc. Colocou-se também a possibilidade de encontros somente com elementos do Brasil, que teriam mais facilidade de contato e, por outro lado, que teriam mais necessidade de aprofundar-se no estudo e discussão dos trabalhos junto aos Guarani.

-----

IMAGEM QUE A SOC; DOMINANTE FAZ DO ÍNDIO

Ao se estudar as diferentes visões que a soc. ocidental teve em toda a história de contato com os grupos indígenas, ressaltam-se alguns aspectos ideológicos nas diferentes abordagens a que os Povos Indígenas foram submetidos.

Esses aspectos ideológicos refletem a expectativa desses "contatos" face a sua relação com os indígenas. A explicitação dessas expectativas devem parecer com a descrição dessas diferentes abordagens. Classificamos elas segundo sua cronologia e quanto a suas expectativas sobre o contato.

- Etnografia da conquista
- Etnografia missionária
- Etnografia colonialista
- Etnografia dos viajantes
- Etnografia Antropológica
- Etnografia Política

1. A primeira preocupação de escrever sobre o índio Guarani é manifesta na etnografia da conquista.

Essas observações são descritas nas castas que se tem conhecimento, das pessoas que acompanharam os conquistadores espanhóis. Duas crônicas se destacam neste estilo de observação. São os trabalhos de SCHMIDL e ALVAR NUÑES CABEZA DE VACA;

Os escritores da etnografia da conquista se basearam em dados observados diretamente partindo de impressões visuais, atendo-se aos aspectos físicos do índio como a descrição de suas habitações, dados demográficos, organização política e hábitos alimentares. Dados que para seus interesses de conquista clareavam uma possível tática de ocupação, dada a preocupação de se estudar possíveis pontos de abastecimento, como a descrição das populações que encontrariam em resistência ou não para seu futuro estabelecimento.

2- O segundo estilo de observação que se apresenta aos grupos Guarani é o que poderíamos chamar de etnografia missionária, na qual consideramos os relatos dos missionários que aqui vieram antes dos Franciscanos (1575). Essa escola se apresentava com suas preocupações básicas: a primeira a que consistia em relatar ao Rei da Espanha as arbitrariedades contra o índio cometidas pela empresa colonial em seus diversos agentes. A outra preocupação que permeava essas observações era a de recolher dados que permitissem uma viabilização do empreendimento das Reduções.

Essa já era uma constatação histórica etnográfica, na medida em que buscava informações que explicassem as relações de parentesco, trabalho que tinha perspectiva de substituição, por exemplo, a prática de matrimônio monogâmico cristão enquanto a características do grupo era de poligamis. Assim, é claro, apareciam as informações enquanto sistema religioso que, se por um lado constatava... (segue)

va a existência de uma religião própria com características próprias, esses relatos procuram escamotear tais práticas.

Outra preocupação pertinente aos interesses missionários era a de relatar a relação estabelecida entre o chefe religioso e o chefe político, para estudar possíveis formas de dominação.

Em suma, a época da conquista abrange estes dois "estilos".

3- Com o período colonial, onde já havia uma considerável presença de estrangeiros que aos poucos ocupavam o território já se nota uma relação diferente com os grupos indígenas, que agora passam a ser considerados como elementos selvagens e arredios frente ao contato. Nota-se aí a visão de um grupo dominante, caráter esse reforçado pela ideologia colonialista que já se vinha formando desde os primeiros contatos feitos com os ~~civilizados~~ conquistadores. A essa nova realidade do contato gera uma etnografia colonialista, que é um enfoque diferente dessas populações indígenas. Como característica dessa etnografia podemos ressaltar aspectos como a idéia do índio que, por maldade, rechaça o convívio com a sociedade branca: do índio que não trabalha, que rejeita o progresso, enfim, a ideologia do "selvagem burro e preguiçoso".

4- A próxima etapa da relação com o índio foi relatada pelos viajantes que aqui vieram no início do século XIX, onde a perspectiva do contato para os escritores era o folclore desses povos. Essa perspectiva se deve a que eram imbuídos de grande curiosidade. É bom ressaltar que nesta fase encontra-se um certo sentido da realidade negativa do contato dos índios com a sociedade européia. Do espírito de curiosidade desses escritores, decorre a presença de dados sobre a cultura material dos índios, em seus relatos, além de terem preocupações filantrópicas.

5- No século XX aparece então uma nova etapa, uma nova abordagem, que buscava um relacionamento "correto e fiel", onde pela primeira vez os grupos Guarani aparecem mais especificados. Essa abordagem é baseada numa observação distante porém, bastante precisa, dos aspectos da cultura material, religiosa, e organização social. Esta etnografia Antropológica teve, como principais escritores: Nimuendajú (1914), onde apresenta ensaios sobre a religião Chiripa; Vogt, missionário do Verbo Divino, no Paraguai, que se atinha aos aspectos que a formação de missões; Müller, considerado o melhor etnógrafo da cultura material dos Guarani; Schaden, na área de antropologia cultural, Cadogan, sobretudo o aspecto religioso dos Mbya; Miraglia e Samaniego.

6- Também a etno-História aparece no decorrer deste período, já com uma preocupação de história na relação do contato das sociedades indígenas com a Sociedade Nacional, sendo que pela primeira vez se considera que o índio tem história e que faz história. Dentro dessa linha ressaltam-se Cadogan, Susnik, Velázquez (e Bartolomeu Melliá).

7- A partir desta preocupação, forma-se entre os estudiosos do "problema Indígena" uma <sup>nova</sup> perspectiva, que considera o índio em um marco político; vê em sua globalidade as relações políticas dele com o "branco", com as idéias de não

não mais fazer observações com a intenção de escrever livros somente. Aparece então a constituição de projetos, ou seja, a preocupação do observador de relacionar-se com a realidade que estuda, como por exemplo, os projetos Marandu (com todas suas limitações) Paf - Tavyterã, Guarani e que visam sobretudo uma ação política de apoio a essas comunidades. Essa etnografia abandona a idéia de índio genérico, passando a considerá-los novamente em suas unidades de Nações povos, tal qual a etno-história.

A grosso modo, poderia se dizer que as visões iniciais, da conquista e missionária, embora com suas limitações, consideram os índios enquanto Nações. Essa visão desaparece com a etnografia colonialista e dos viajantes, que consideram o "bugre", sendo as etnografias mais baixas que existem. A etnografia antropológica recupera o respeito aos indígenas como "homens", respeitando sua humanidade, mas ainda bastante limitada. Por fim, somente a etno-história e a etno-política recuperariam a visão dos índios como Nações - Povos. Pelo menos é nesse sentido que caminha essa nova etnografia, embora pareça ainda não ter logrado a formação do seu método e os objetivos de ação global que visaria.

28.01.79

Meliá: CULTURA GUARANI - A questão da identidade (ideologia)

Os Guarani tem uma consciência bastante clara do que é a sua identidade, mas é difícil para nós compreender e traduzir na nossa linguagem o que eles entendem por sua identidade.

Essa identidade é expressa diariamente, em expressões como:

"Agora os senhores ("civilizados") querem colocar entre nós a escola e a Polícia, e isso é o que vai estragar o NANDE REKO "(o nosso Reko)" dizia um Mbya.

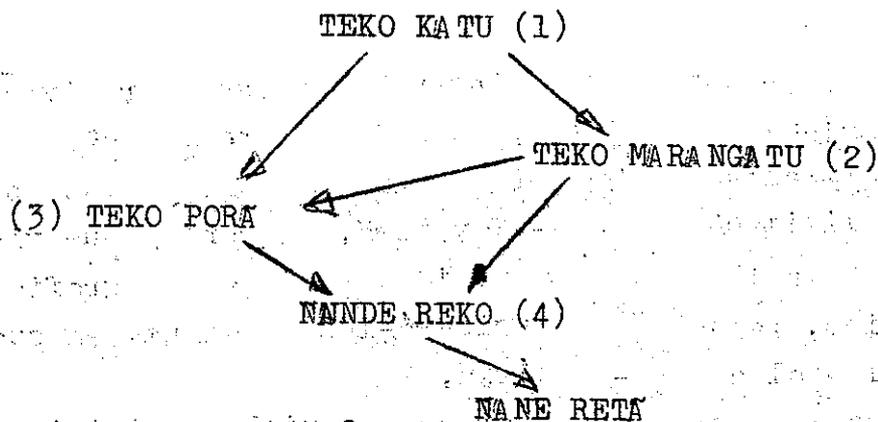
"Isso não é o Nande Reko", dizia um Kaiowá a outro por ter vendido mandioca a um necessitado. Isto é, vender mandioca a um necessitado não está de acordo com o modo de ser dos Guarani.

A expressão "NANDE REKO", segundo o dicionário de Montoya, de 1639, vem a ser: "nosso modo de ser"; "nosso modo de estar"; "nosso sistema"; "nossa lei"; "nossa cultura"; "nossa norma"; "nosso comportamento"; "nosso hábito"; "nossa condição"; "nosso costume"... Estes múltiplos significados da palavra TEKÓ permanecem entre os Guarani.

O Nande reko é a ideologia da identidade Guarani.

Dai vem o seguinte esquema, surgido da análise de textos e expressões nos quais ocorre o conceito TEKÓ :

(continua na pg seguinte)



(1) TEKO KATU

O Teko Katu é pensado como o autêntico e verdadeiro modo de ser. Constituem o teko katu uma série de idéias, de categorias, de leis e normas, pautas de comportamento e atitudes que são as que definem o modo de ser Guarani. Às vezes o teko katu é referido como teko simplesmente, como se este modo de ser fosse o único realmente humano e o verdadeiramente racional. Em certa maneira, é também a eternidade, remontando às origens (divinas) dos Guarani. O Teko Katu, que é lei e norma e é expressada como tal, supõe um processo de abstração bem desenvolvido, o que tem chamado frequentemente a atenção dos observadores externos, que pressupunham facilmente que os "primitivos" não abstraem nem generalizam. O teko katu se situa a nível do pensar reflexivo, a um nível que poderíamos chamar "filosófico".

(2) TEKO MARANGATU

O teko marangatu é o modo de ser religioso, que tem relação direta com o divino. Como tal, está constituído fundamentalmente pelas crenças e as práticas religiosas, com seus ritos e objetos sagrados. Na concepção dos Guarani o teko marangatu é a reprodução, a imitação, o reflexo do modo de ser dos deuses. Para captar o modo de ser dos deuses e atuar dos espíritos, se conta, ou melhor, se canta, o que estes deuses e espíritos fizeram em um princípio e como seguem presentes. Com isso se constrói a história das origens e se constroem os modelos. O teko marangatu é, pois, primeiro a ordem lógica e o que vem a justificar o sistema Guarani. O teko marangatu traduz, ao modo humano, o que fizeram e o que querem "os de cima". O teko marangatu, fazendo-se semelhante a eles, nos atrai sua proteção. O discurso sobre o teko marangatu se desenvolve sobretudo a nível mitológico, porém com diversos estilos. A prática religiosa não é objeto de descrições, já que normalmente se a vê e se faz, porém às vezes é objeto de comentários e até de críticas quando não se faz conforme o que se cre é o modo autêntico. A interrelação de teko katu e teko marangatu é muito grande, ainda que se diferenciam a nível de concepção, simbolismo e comunica-

ção. A medida em que o teko katu evolui, suscita novas crenças ou modifica as existentes e vice-versa, em um movimento no qual é difícil deslindar um antes e um depois.

Entre os Mbya, o máximo dos que conseguiram o Teko Marangatu é que vão para o além sem morrer.

### (3) TEKO PORÁ

Formalmente se pode distinguir também um teko porá, como diferente do teko katu geral e do teko marangatu religioso. Se trata também de uma concretização do modo de ser Guarani, agora ao nível de normas e valores éticos. Teko Porá é "o que está bem". O teko porá vem configurado por um quadro de virtudes, antes de tudo sociais, mas que regem também os comportamentos individuais. São sobretudo sociais, as que incluem a reciprocidade (expressada no Guarani por jo): teko joja, teko joayhu.

Os "bons comportamentos" se visualizam e socializam principalmente nas concentrações religiosas (mitã pepy, avatikyry) e nas reuniões políticas (aty) e estão, como se vê, relacionadas com o falar; palavra dita, palavra ensinada, palavra escutada.

São atos que contradizem e negam o teko porá aqueles derivados de um modo de ser enojado (poxy), tais como ñenupã, ñorairõ, jeahe'í. O teko porá é uma concretização do teko katu. Recebe, sem dúvida, sua iluminação e força do teko marangatu, já que se aprende através dele, escutando; e praticando; e se recupera, se se perdeu, também através da prática do ñembo'e, sobretudo em sua forma mais individual. Ressaltando, então, é importante notar que o bom comportamento depende de uma boa religião.

### (4) NANDE REKO

O teko não é um absoluto que se dá fora de uma realização e uma situação dada, quer dizer, fora de uma cultura. A identificação cultural se expressa real e concretamente, quando o teko é apossado por um ñande coletivo, que inclui a todo grupo com características e pautas culturais bem definidas, enquanto que exclui a outros. O ñande reko, frente a outro tipo de teko, se pode definir como ore reko; por exemplo, conversando com um "branco", o Guarani diz "ore reko", excluindo o interlocutor como participante do mesmo teko. Nande reko tem, de certo modo, as características de uma cultura nacional. Nande reko põe de relevo o aspecto de diferenciação cultural, que inclui um tipo especial de organização social, uma língua e uma linguagem própria (com suas formas peculiares de 'pensamento' e de 'simbolização'), uma religião tradicional; uma economia especial, etc. Tudo isso permite contrapor o ñande reko a qualquer outro tipo de teko que não seja este; o ñande reko faz que o Guarani se considere, se sinta, se pense e se

diga diferente, Sendo o ñande uma forma coletiva, inclui implicitamente, socialização e historicidade. Esta historicidade, por sua vez, é a condição de possibilidade de alteridade sentida como tal, ao entrar em contato e conflito com outros grupos étnicos. Ao ñande reko, com estas particularidades, se lhe dá uma transcendência histórica, já que se o faz remontar ao primigenio: ñande reko ypy; atuado pelos deuses que lhe deram origem e o sustentam; ñande reko mboypyhare. Quer dizer, o ñande reko é o "nosso modo de ser" que não é de hoje, mas que vem de longe.

Como na constituição de quase todas as culturas, a cultura Guarani se desenvolve conforme duas dimensões principais: nação e pátria; identidade étnica em uma territorialidade. A territorialidade vem expressa no conceito de ñane retã.

#### NANE RETA

O elemento geográfico é, como o elemento histórico, uma das condições de possibilidade de afirmação concreta de um grupo humano. A concepção do ñane retã é, portanto, a de uma territorialidade política. A terra foi dada por deus que também pôs os marcos, os montes, que delimitam os territórios. O ñane retã é, pois, o lugar onde se desenvolve o "nosso modo de ser"; isto é, é o "nosso território".

Todo Guarani, em modo geral, se considera A VA NANDE REKO, em contraposição aos outros indígenas. Os Pi, provavelmente, ainda hoje - como numa denominação mais antiga - se dizem TE'MI, que no dicionário de Montoya significa "religião". Na verdade, eles querem dizer: pessoa que está ligada na sua religião. Enfim, para eles a identidade étnica está intimamente unida à consciência de pertencer à sua religião, ou seja, sua identidade étnica é, também, religiosa. Seria, por exemplo, como identificar "branco" e "civilizado" com "cristão".

Pode-se dizer, ainda, que se a desintegração de um grupo Guarani ainda não atingiu o ñande reko (isto é, se não foi além do ñane retã), a ainda é possível a recuperação de todo. Isso se coloca devido a uma questão que o próprio esquema (da pg-27) suscita: qual o papel que pode assegurar a terra para garantir a identidade religioso-cultural dos Guarani ?

Quanto a isso é muito significativo o episódio da ordem de retirada dos Sete Povos da Missões, no século XVIII. As cartas dos Sete Povos ao rei de Espanha, pedindo para não serem obrigados a sair de suas terras, embora utilizem um vocabulário cristão, nelas se percebe que a ideologia é a do ñande reko e do ñane retã.

.....

EDUCAÇÃO - MELIÁ

Quando se pensa em educação para os povos indígenas logo aparecem muitas questões a serem discutidas. Dentro destas questões temos:

- 1- Distinção de uma educação indígena.
- 2- Educação para o indígena.

- Porque da alfabetização
- \_ Condições para a alfabetização
- \_ Língua a ser utilizada.
- \_ Textos empregados , como fazê- los .

3 - Alfabetização

4- Textos

5- Bilinguismo

1 - Educação Indígena

A primeira dificuldade que se mostra ao trabalho é a barreira que se impõe a quem quer tratar com uma população indígena sem perceber a existência e valorizar a educação indígena, que possui mecanismos próprios e que quando é pensada segundo nossa forma de educação ( alfabetização - escola) parece não existir. Então o que é educação indígena ?

" A educação como processo , deve ser pensada como uma maneira pela qual os membros de uma dada sociedade socializam suas novas gerações, objetivando a continuidade de valores e instituições consideradas fundamentais. As sociedades tribais possuem maneiras específicas para socializar seus membros jovens dentro dos padrões da cultura tradicional." ( Santos, Silvio Coelho dos, 53-54).

Essa educação está intimamente ligada ao ciclo da vida, onde o processo de socialização do menino dentro das atividades sociais da comunidade é realizado por um processo de acompanhamento em oposição ao método de instrução.

A primeira etapa dessa educação começa na gravidez da mãe, onde pelos rituais seguidos , a comunidade prepara o nascimento da criança.

Nos primeiros anos de vida um processo muito forte de socialização começa. Essa possui duas etapas: a imitação da vida do adulto seja pelo jogo ou pelo trabalho participado. A criança indígena faz em miniatura o que faz o adulto. Vive no jogo a vida dos adultos. Aprende as atividades sociais rotineiras, participa da divisão social do trabalho e adquire as habilidades de usar e fazer instrumentos e utensílios de seu trabalho, de acordo com a divisão de sexo. (Educ. e Alfabetização pg.9)

A segunda etapa do processo de Educação vem com a iniciação, que por comum aparece como período de educação formal, quase que uma verdadeira " escola " , com seu mestre ou mestras, permanencia em um local determinado, é um tempo relativamente comprido de dedicação exclusiva, de preparação para o rito, que vem fechar e completar o período de iniciação." (B. Meliá- Educa-

ção e alfabetização pág. 19)

A iniciação começa no menino entre 11 a 14 anos e nas meninas pela época da primeira menstruação com um regime de reclusão, corte no cabelo e acompanhamento por parte de uma avó que não precisa ser a avó de parentesco. Outro dado é que na preparação dos meninos, não precisa ser do mesmo tekoha.

A iniciação do homem tem um caráter mais comunitário, comportando porém duras provas de resistência, prolongadas dietas, práticas de danças e cantos, escuta assídua de ensinamentos, alguns deles agora totalmente novos respeito a crenças e mitologia. Homens experimentados se ocupam com essa importante função pedagógica indígena.

O processo educativo é contínuo mesmo na vida do adulto e aparece novamente nas festas e nas Assembléias, onde cada festa está desempenhando seu papel particular frente a comunidade que o observa e critica. É a Assembléia que o processo educativo continua tanto para os mais velhos que estão rediscutindo os caminhos a serem seguidos quanto para os jovens que observam a linha de comportamento do "modo de ser" de seu povo.

Neste processo interminável da educação e reeducação a comunidade como um todo é que é a educadora, sendo que na pessoa dos "mestres" temos a expressão de toda a comunidade, pois a vida social não criou espaço para a figura de um professor, no sentido de uma especificidade de uma função educadora. Ressalva-se também a preocupação de fazer um acompanhamento em detrimento à instrução onde se tem espaço para criações originais na formação da personalidade.

Está claro que todo processo educativo é particular a cada cultura. Ele nasce de um foco de elaboração cultural que define sua transmissão elaborando o processo educativo.

## 2 - Educação para o índio.

O objetivo de educar o índio, a partir de um foco de elaboração cultural europeu, data quase do início da ocupação colonial. Este intento aparece mais definido quando o "anseio de submeter" o indígena passou a ser o elemento central da ideologia dominante no mundo colonial lusitano, com os jesuítas e outros religiosos tomando para si essa tarefa com o objetivo de assimilar os índios à civilização cristã. Sua política de destribilização visava a desagregação dos costumes ditos por eles pagãos, como também com o objetivo de solaparem a eficiência adaptativa do sistema organizatório tribal, pela aglomeração dos indígenas em reduzido número de aldeias.

Com a expulsão dos jesuítas em 1757, Pombal editava uma regulamentação da lei de 06/06/1755 na qual se determinava o ensino obrigatório de português e pediam para que se observasse os costumes de índios diferentes para ver se poderiam viver juntos. ( B. Meliá - Educação e Alfabetização pg. 48)

### Educação Missionária.

Missão e escola tendem a se identificar e se justificar mutuamente, em mui-

tos casos essa escola funciona em regime de internato.

Ensino se desenvolve em tres áreas principais: a catequese, a escola, a capacitação tecno-profissional. A catequese tem como centro a Igreja ou Capela. As festas: de Sto. Inácio de Loyola., e as datas de natal, páscoa, Sagrado Coração de Jesus. A preocupação religiosa da missão se concretiza também no arranjo de matrimônios que se chocam com o sistema de parentesco tradicional.

A escola que contava com bons professores e um farto material didático, centra-se sobre o ensino de um português correto e outras matérias do curriculum oficial, com grande preocupação com a matemática com o intuito de ensinar a fazer contas para o índio não ser enganado.

A capacitação tecno-profissional com pessoal altamente especializado, contando com setores de carpintaria, ferraria, mecânica, sapataria, eletricidade, tipografia. Pensando também na produtividade as moças dedicam várias horas por dia à agricultura e manutenção do estabelecimento e as moças em trabalhos de lavagem, cozinha, cuidando de crianças menores, hortas e pomar.

A Missão-Escola vira logo Missão-Aldeia que chama para si mão de obra indígena, remunerada financeiramente. Forma-se nesses casos uma aldeia artificial com misturas intertribais. Com a idéia de maior capacitação para a demanda de serviços, da população branca, a escola - missão então passa a ser cada vez mais uma escola de brancos.

A missão - escola com a necessidade de auto subsistência, se torna missão - fazenda, onde o padre é o patrão, organizando os trabalhos de roça, no trato com o gado na região, empregando pessoal assalariado.

Outras atividades são os jogos, onde se misturam jogos indígenas: exercício de arco e flexa, natação, corrida, provas de força, e jogos civilizados: futebol, perna de pau, peteca, etc...Nota-se que agora, mesmo os jogos indígenas são praticados com espírito competitivo, e que alguns jogos substituem os jogos indígenas. Todas as festas na missão - escola tem agora um sentido e uma participação bem diferente daquela que se tinha nas aldeias indígenas.

Sendo o objetivo essencial da missão a evangelização, e vindo os agentes dessa evangelização do mundo civilizado, passa-se facilmente ao suposto que civilizar é cristianizar, e que para cristianizar se tem que civilizar, todos os modos de vida civilizada que na escola tem um tempo e lugar privilegiado, são tidos como condições indispensáveis para atingir os objetivos da missão. ( B. Meliá - Alf. e Ed. pg.52 )

#### A Educação Nacional

A educação que os agentes oficiais do Estado pensam para o índio não difere quase nada da educação missionária.

Para verificar essa relação daremos o relato de Silvio Coelho dos Santos, que recolheu em 19 postos indígenas na região sul:



NATUREZA DOS CONHECIMENTOS  
TRANSMITIDOS

- + Habilidade para a produção total dos próprios artefatos e instrumentos de trabalho
- Manipulação de tecnologia adaptada.
- Integração dos conhecimentos dentro de uma totalidade cultural.
- Segmentação dos conhecimentos adquiridos.
- Integração correta na organização tribal.
- Adaptação dentro de um estrato classe da sociedade nacional.
- Aprofundamento nos conhecimentos das tradições religiosas.
- Conversão e catequese para a nova religião.

FUNÇÕES SOCIAIS DA EDUCAÇÃO

- Ajustamento das gerações.
- Afastamento e mudança com respeito a vida dos velhos.
- Preservação e valorização do saber tradicional, em vista a uma inovação coerente.
- Adaptação continua às novidades, mesmo ainda não compreendida.
- Seleção e formação de personalidades livres.
- Massificação no genérico.

§§§§§§§§§§§§§§§§

3-ALFABETIZAÇÃO

O tipo de alfabetização tem de ser coerente à necessidade historicamente produzida pelo contato.

Deve-se verificar qual o tipo de assimilação do fato de alfabetizar visando não abafar a forma de expressão da identidade do grupo.

Para uma pratica "positiva" de um programa de alfabetização é necessário discutir alguns pontos como:

- 1- O Alfabetizador
- 2- O Local
- 3- O Tempo
- 4- O escrever, o ler, que ler? O texto
- 5- Como escrever
- 6- Com que escrever
- 7- O alfabetizando

1- O ALFABETIZADOR (observações)

O problema é de quem vem de fora e não conhece bem a língua; não conhecendo a situação real e não percebendo a interrelação da alfabetização com a estrutura cultural do grupo.

Se o alfabetizador for indígena nem todos os problemas ficam resolvidos. Pois pode haver introjetada a ideologia de fora, podendo ocorrer em fanatismo religioso, jogo politico, ou um aproveitamento egoista de uma situação de relativo prestígio.

A importancia da questão de que o alfabetizador ser homem ou mulher é muito importante dentro de uma sociedade indígena, onde a transmissão de conhecimento e a responsabilidade do processo educativo segue a mais estrita divisão sexual.

## 2- O Local

A Alfabetização não precisa necessariamente de um local especial, poderia fazer-se dentro da propria casa ou até no terreiro da aldeia. Mas de fato tem de realizar-se na escola, que normalmente fica fora da aldeia.

O local é o condicionamento de uma serie de necessidades, que impõe um determinado tipo de conduta e ajustamento de valores, pois cria um mundo paralelo à realidade da vida social do indio.

## 3- TEMPO

A marcação de um tempo determinado para o processo educativo. Tempo na escola, é um tempo que se subtrai do ritmo educacional indígena.

## 4- O que escrever e o que ler

Apresentam-se tres dificuldades basicas:

- a lingua a ser empregada.
- a politica linguistica.
- o conteudo

## 5- Como escrever

. A opção do alfabeto latino é a unica de acordo com nossa realidade.

. A lingua Guarani possui coerencia fonologica em relação ao aprendizado da ortografia portuguesa, cheia de incoerencias fonologicas.

. O problema do abafamento da criatividade das crianças.

## 6- Com que escrever

. A dependencia de materiais que não são produzidos pelos indios.

## 7- O Alfabetizando

A educação indígena em geral não é feita em grupos, o que muda a perspectiva indígena de respeitar o ciclo de vida e o ritmo de amadurecimento psico-social do individuo.

É feita em cima de uma visão generica do indio, desprezando uma noção de particularidade na dinamica de cada processo.

## 6 Problema da Lingua

É importante constatar a realidade linguistica do grupo a ser trabalhado.

Os quais podem ser: 1- Monolinguistas indígenas

